

Entrevista: Quiá Rodrigues

O AMOR PELO STOP MOTION

Eliane M. Gordeeff¹

Mestre em Artes Visuais (UFRJ), animadora e docente no curso de Graduação Tecnológica em Design Gráfico – Animação e Ilustração Digital, na Universidade Veiga de Almeida / RJ.

Essa entrevista foi feita em 21/09/2009, como parte da pesquisa de campo sobre animação *Stop motion*, para a dissertação de mestrado, *Interferências Estéticas: a técnica de Stop motion na narrativa de animação*, defendida em 2011, na UFRJ. Um dos recortes da pesquisa foi o curta-metragem *De Janela pro Cinema*, de 1999, direção de Quiá Rodrigues, que foi a primeira animação brasileira a ser premiada no *Anima Mundi*, em 1999, e selecionada pelo *Festival de Cannes*, em 2000.

Multitarefa, Rodrigues é um ícone da animação independente brasileira, que atua em várias vertentes para exercer sua arte. Já trabalhou com decoração de vitrines, animação ao vivo e teatro. Atualmente faz trabalhos para televisão, sendo responsável pela voz e atuação do boneco apresentador *Zeca2D*, do *Animania*, programa da *TVBrasil*; além de se dedicar esmeradamente aos seus projetos. E em 2011, estreou o seu mais recente trabalho, uma adaptação de um conto de João do Rio: *Cabeça-Papelão*.

ORSON – Qual é a atividade que exerce ligada à Animação?

Quiá Rodrigues – Sou antes de tudo ator, minha formação é de ator, e venho trabalhando com bonecos na televisão há muito tempo. Sempre quis fazer cinema, e comecei a fazer cinema de animação com bonecos, porque já era o meu *métier*, já trabalhava com isso desde que eu me entendia por gente... Atualmente estou trabalhando em um programa, de novo com bonecos, falando de animação. Então, consegui de uma certa forma unir as duas coisas também na televisão, nesse negócio de fazer um programa que fala de animação e que tem bonecos também na história.

¹ egordeeff.veiga@gmail.com

ORSON – Há quanto tempo que exerce essa atividade?

Quiá Rodrigues – Com bonecos, eu trabalho desde quando comecei a fazer teatro amador. Então, eu era bem novo ... acho que desde os 18 anos, 19... comecei a trabalhar em Belo Horizonte, com teatro e boneco. No Rio, vim pro Rio fazer cinema, continuei ganhando o pão de cada dia com bonecos: na vitrine de shopping, fazendo animações ao ar livre; na televisão (o boneco de uma forma mais interessante), aprendendo a trabalhar no enquadramento, tendo a resposta do monitor, podendo animar esse boneco em *live action*, na hora... então, isso é uma experiência super interessante e não deixa de ser animação: a gente pega um boneco de espuma e dá viva a ele, naquele momento, ali. Então, tem tudo a ver com o *Stop motion*.

ORSON – Em termos estéticos, filosofando sobre a animação, dê a sua definição sobre o que é animação.

Quiá Rodrigues – Puxa, isso aí é complicado de responder em poucas palavras... Mas eu acho que animação é dar vida mesmo, vamos ao óbvio! Então o que mais me toca no *Stop motion*, por exemplo, é o trabalho de um Svankmeyer, que anima objetos... aí você vê uma pedra, não é uma pedra, pode ser várias outras coisas... Eu acho que brincar com esses adereços que tem no universo, desde o plástico, a pedra, a terra, a areia, a água, ... a tinta, a massinha... é brincar de ser Deus mesmo... é um lugar super comum, não tem como responder isso de forma original. Vamos cair no lugar comum: é o prazer de brincar de ser Deus.

ORSON – Qual a principal característica que torna a animação atrativa para você?

Quiá Rodrigues – Eu gosto da sensação de tato que tem na animação. Então, quando surgiu a animação digital, a coisa toda no computador, até a gente começar a ver as primeiras animações que subverteram também aquele início, que foi tão duro, sem tato... Hoje, até os trabalhos digitais simulam as impressões dos dedos na massinha digital... então, estão tendo esse cuidado... E eu acho que a sensação de espaço e de tato é o que mais me comove no cinema, de uma forma geral... ver um grande cenarista, trabalhando, desde a *Hollywood* antiga, os filmes do Griffith com aquelas maquetes maravilhosas, que ele unia e juntava tudo – era quase um *Projac* da *Globo* de hoje – ... esse trabalho dos cenógrafos é uma coisa que me toca muito... os diretores de arte, figurinistas, eu sou muito ligado

nesse artesanal, do teatro, do cinema e da animação, então o que mais me comove, pessoalmente, é esse universo que os artistas podem criar, e a sensação espacial dentro daquele universo.

Por isso que os filmes do Tim Burton me tocam tanto, por que ele é gótico,... tem uma realidade, então você acredita naquilo. E também tem o Alexander Petrov, de *O Velho e o Mar*, que ele fez só com tinta, maravilhosamente,... eu estou citando só grandes filmes, não tem nem como você dizer o contrário! (*risos*) Mas o que o cara pode fazer, com a tela, uma atrás da outra, e criar aquele mar... aquele espaço que dá um medo daquele mar, aquele peixe enorme,... eu me sinto aquele velho naquele barquinho. Então, é essa sensação que mais me atrai num festival de animação: eu quero ir numa sessão bem múltipla, bem diversa, eu acho que a animação tem essa coisa de ser inesgotável na sua forma, no seu conteúdo, nas surpresas que a gente tem... Isso é muito emocionante no mundo da animação. E eu acho que de uma certa forma, é isso que cativa o público também... mas eu sinto que o público quer ver muita emoção, o ser humano quer emoção, quer se emocionar. E eu acho que a animação é um prato cheio pra emoções. Eu vejo grandes artistas lidando com a emoção da animação, que é uma coisa difícil, não é? Às vezes você vai para um humor mais fácil, às vezes você se escora em um grande texto... enfim, tem mil formas. Mas esses caras que trazem um novo diálogo, que mostram um novo viés de um assunto que você está tão acostumado e presente...

Como a gente pode ser diferente, como é bacana ser diferente... tanto que os animadores estão sempre querendo fazer uma coisa diferente. Por que o legal é esse diálogo. E quando a gente faz igual, é homenageando um cara que a gente ama... a beleza do mestre é um pouco essa também... é você beber na fonte do mestre e repetir ele durante um período até você adquirir a sua pega pessoal... fazer os seus próprios discursos... Eu adoro o Jiri Trnka, esse *Stop motion* mais dos anos 70, é o que mais me atrai, ... ou isso, ou *Aardman*, é oito ou oitenta... ou é Tim Burton, e esses caras ingleses que mandam tão bem, junto com os americanos fazendo umas coisas muito legais.

ORSON – Para a animação, você acha que é mais importante a técnica ou a estética? Uma obra bem animada, ou uma obra com a estética, direção de arte perfeita? Por quê?

Quiá Rodrigues – Eu acredito na inteligência do público. Eu fui cine clubista, e tinha horror de filme mal feito. Mas depois de ver tanto televisão, porque hoje em dia, até no estúdio fazendo boneco, tem que ficar vendo essas novelas, essas coisas, pra passar tempo... e eu sou muito ligado na TV aberta, fico vendo... aí você fica muito condescendente com todo mundo... então, eu acho que o filme eficiente ainda é o filme bacana pro grande público, quando a sala é muito grande, eu acho que você chocar o público demais, é bobagem... mas você também tem outro público, que é um público de salas menores, um público que você pode arriscar mais um pouco nessa curadoria. Eu, no *Animania*, como a gente está numa TV pública, eu afrouxo bem o cinto dessa curadoria. Eu acho que a gente pode exhibir filmes que choquem um pouco, num bom sentido, nunca no mau sentido – a gente não pode exhibir cenas sensuais, porque é uma TV pública, e tem grandes filmes que a gente adoraria exhibir e não pode. Mas eu acho que, quando a forma de contar a história namora bem com a arte do filme, ainda é o melhor caminho. E uma arte sem barriga, uma história sem barriga, acho que é a melhor forma mesmo. Quanto mais arrojado estiver o filme neste sentido, mais você vai dialogar com o público. Agora não sei se também, é importante dialogar com o público, às vezes até brigar com o público pode ser interessante... acho que cada cineasta quer traçar uma história. Eu vejo às vezes animadores que estão sempre brigando com o público... acho isso bom também. Revigorante... não sei se pro animador...

ORSON – Então, para você, a estética acaba sendo mais importante pra quem assiste, do que a técnica – porque na verdade, irão passar erros ali, que o público não vai nem perceber... agora se tiver uma imagem “feia”, a música não combinar, isso vai incomodando, vai criando um certo distanciamento do público com a obra...

Quiá Rodrigues - Por que os grandes artistas criam universos tão belos... *Os Três Inventores*, do Michel Ocelot, por exemplo, é tudo tão lindo! Ele preza a beleza do enquadramento, ele é ligado na beleza. Eu acho isso lindo, mas também tem outros artistas sujos,... o Phil Mulloy, por exemplo, é estranho, é escroto, ... o próprio Andreas Hikade, que tem uns personagens, um universo totalmente neurótico e interessante, o Pritt Pärn, (esse pessoal do leste europeu é brasa!). Eles são demais, a escola deles é fantástica... o que mais me toca é o existencialismo na animação, é a humanidade, isso me toca muito, os grandes artistas de animação. O quanto eles... “aquilo” são eles, e

o quanto eles são diferentes ... e não é um bando de pinguins numa praia, sabe... Mas o discurso é essencial. Eu acho que primeiro vem o discurso do cara.

ORSON – Em termos estéticos, quais as características da técnica *Stop motion* merecem destaque?

Quiá Rodrigues – É a sensação do tato, é o grande barato do *Stop motion*, é a sensação do espaço. Você fazer, uma coisa que eu vi o Zaramella falando, de que ele queria fazer cinema também. No *Stop motion* é quando ele se sente um realizador de cinema, porque ele tem os atores, tem o *set*, tem as câmeras. Ele pode enquadrar a câmera de um lado, do outro; pode ver o personagem de qualquer lado que ele quiser – não é pré-marcado como é no 2D – você pode variar o enquadramento. É lógico que, numa produção profissional, quanto menos você variar melhor. Mas eu que tenho uma câmera digital, no meu fundo infinito, aqui em casa, eu posso brincar de botar ele embaixo, em cima, onde eu quiser. É essa brincadeira de ser cineasta.

ORSON – A técnica *Stop motion* é a mais sedutora das técnicas? Por favor, justifique.

Quiá Rodrigues – É o *Stop motion* mesmo, eu acho, não poderia responder outra coisa. Eu acho que trabalhos como o dos irmãos Quay são incríveis. O próprio Jiri Trnka, o quanto de sensualidade tem no trabalho dele. Aquela da mulher do cara de orquestra, onde a mulher vai e entra na mala do baixo, por que ela ficou nua, então ela entra ali e fica perfeita dentro daquela mala, com uma sensualidade incrível naquele filme, e são bonecos de madeira e pano – ele trabalhava muito com pano. Esses grandes, o Ray Harryhausen com aqueles monstros todos de borracha... o *Stop motion* está cheio de história. No próprio Brasil, a massinha do *Frankenstein Punk*, e com as dificuldades da época, o *Garota das Telas*, ambos do Cao Hamburger... Com certeza o *Stop motion* é a mais sedutora das técnicas – pra mim.

ORSON – Essa junção de 3D e *Stop motion* numa mesma produção, você acha que é positiva ou negativa? É só para facilitar a produção das cenas que seriam mais difíceis de fazer (mais trabalho e paciência) em *Stop motion* tradicional?

Quiá Rodrigues – Os caras que estão fazendo isso e buscando a sensação de espaço e tato, estão se dando bem. E tem que ser isso

mesmo para apressar as coisas. Eu não consigo, porque eu sou muito artesanal, não entendo muito de computador, minha equipe não é muito grande... eu “peço” um pouco por isso. Eu gostaria de estar vendo experimentos um pouquinho por essa área. Mas ao mesmo tempo, a minha realidade ainda é esta, talvez seja esta pra sempre, eu não sei, mas eu também adoro trabalhos que sejam completamente manuais..., trabalhos em que você não vê muita arte final. Mas isso está sendo cada vez mais bem resolvido, e quando o conjunto todo leva a criar um espaço interessante, uma ambientação, quando tudo “casa” muito bem, é muito bacana.

ORSON – Uma pergunta: *Coraline* ou *O Estranho Mundo de Jack*?

Quiá Rodrigues – Sem dúvida *O Estranho Mundo de Jack*, até pela proposta mesmo, pela diversidade cultural que tem naquele filme. *Coraline* é a menina voltando pra velha família de sempre, é o discurso de família, é o discurso careta. Mas ao mesmo tempo as sacadas são tão grandes... você bolar a família lado B, é fantástico, não é? Você poder falar de família, mas podendo também falar do lado B... o filme é muito bom. Mas eu sou mais *O Estranho Mundo de Jack*, que também mostra um lado B – por que se você for olhar o Natal, tudo é perfeito. Então a *trip* desses caras é bacana pra caramba... o acabamento deles é inacreditável... eles fazem a gente pensar que não somos capazes de fazer *Stop motion*... eles quase nos paralisam pela eficiência.

ORSON – Qualquer história pode ser animada em qualquer técnica ou não? Por quê?

Quiá Rodrigues – Eu acho que tudo está aí pra ser burlado. A história é solta, você pode contar ela com areia, com 2D, eu até vi agora um projeto, estava pesquisando na internet, e vi que em Portugal tem um garoto fazendo o *Homem da Cabeça de Papelão*², em 2D. E a estética é outra, completamente diferente, que eu nem sei, se é do *Homem da Cabeça*, do João do Rio, mas provavelmente é – porque é um texto livre na internet – e está fazendo em 2D, e deve ficar muito legal. O olhar dele sobre a história vai ser outro. Então eu acho que as histórias estão aí pra serem contadas e o suporte não importa muito não.

² Filme de 2010, de Pedro Lino e Luís da Matta Almeida.